

# FRACASSO ESCOLAR: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO FILME “ENTRE OS MUROS DA ESCOLA”

Ana Rita da Silva\*  
Elianda Figueiredo Arantes Tiballi\*\*

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar, na perspectiva do fracasso escolar, o filme “Entre os Muros da Escola”, produzido na França em 2008 por Laurent Cantet. As reflexões caminham na perspectiva de que a origem social, por si mesma, não produz o “fracasso escolar”, o que existem são situações alimentadas pelas relações entre os sujeitos que agem e reagem dentro da escola, os que criam e os que devem seguir as normas, forjando um tipo de relação com o saber que pode resultar no fracasso tanto de estudantes quanto de professores, para não falar na escola enquanto instituição. Referenciando-se no pensamento de autores contemporâneos, como Bernard Charlot, Zigmund Bauman e Tomaz Tadeu da Silva, procura trazer à tona as relações de poder que estão implicadas no cenário escolar e que forjam as decisões e atitudes nesse cenário. As conclusões cunhadas nesse percurso reflexivo encaminham para problematizações sobre o papel da escola e dos sujeitos que fazem a escola.

**Palavras-chave:** Fracasso escolar. Relação com o saber. Contexto pós-moderno.

*As narrativas contidas no currículo, explícita ou implicitamente, corporificam noções particulares sobre conhecimento, sobre formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais. Elas dizem qual conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo, quais formas de conhecer são válidas e quais não o são, o que é certo e o que é errado, o que é moral e o que é imoral, o que é bom e o que é mau, o que é belo e o que é feio, quais vozes são autorizadas e quais não o são.*

(Tomaz Tadeu da Silva)

## 1 ESCOLA, PALCO DE EXPERIÊNCIAS

Estas considerações percorrem um recorte da sociedade chamado escola, demarcado por fronteiras que o delimitam dentro de um complexo sistema de contradições, onde nada é estático, nada é adaptável a todos ao mesmo tempo e lugar, onde as histórias coletivas e individuais se entrecruzam por interesses e diferenças os mais diversos. Esse recorte, sendo um microuniverso do todo social, abriga também uma diversidade de posições, valores

\* Professora-Coordenadora do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte/Secretaria da Educação de Goiás. Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais/UFG, Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Salgado de Oliveira, Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.  
Endereço: Rua Cândida Naves s/n Bl. 11 Apt. 302 Res. Pq dos Lírios St. Negrão de Lima CEP. 74.650-020 Goiânia – GO.  
E-mail: hana.arte@yahoo.com.br

\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Goiás (PUC). E-mail: tiballi@terra.com.br

e expectativas que nem sempre convivem em clima de harmonia. Ao promover o encontro de professores e estudantes, que trazem para esse contexto a sua história pessoal, a sua carga subjetiva, não obstante os apelos por uma causa coletiva de boa convivência e mútua tolerância em casos mais críticos torna-se um espaço de efervescentes contradições, choques culturais e violência simbólica, que podem resultar no fenômeno denominado fracasso escolar.

Em contraponto às sociologias da reprodução, que estabelecem estrita correlação entre as posições sociais dos pais e as posições escolares dos filhos, o que explica o fracasso escolar quase como um destino inexorável reservado às crianças e jovens oriundos de classes menos privilegiadas, busca-se refletir sobre esse fenômeno, que tem causas complexas para além da origem social e não podem ser explicadas sem que se leve em conta as singularidades dos indivíduos dentro de cada contexto. As situações que podem levar os estudantes à desmotivação perante a escola estão implicadas em diversos fatores que permeiam as relações dentro e fora da escola, onde cabe ao indivíduo desempenhar o seu papel. Estas relações não são monocromáticas; possuem nuances as mais variáveis e dinâmicas, forjadas por pequenos gestos, palavras, atitudes e omissões, nas experiências vividas intra e extraescolar, nas relações subjetivas entre professor-estudante e na organização escolar com sua política interna, normas e valores. Estas reflexões se fundamentam em Bernard Charlot, para o qual “o fracasso escolar não existe; o que existe são alunos em situação de fracasso [...] A posição dos pais, ou da própria criança, é a que ocupam, mas, também, a que assumem, o lugar em um espaço social mas, também, a postura que nele adotam.” (CHARLOT, 2000, p. 17, p. 22).

Nesta perspectiva o fracasso escolar é analisado a partir de um aspecto do filme “Entre os muros da escola”, produzido na França em 2008 por Laurent Cantet e baseado em livro de François Bégaudeau. Além

de ser autor do livro, François interpreta o protagonista. O filme aborda diferenças culturais e sociais que geram conflitos entre professores e estudantes, revelando a realidade da França contemporânea que convive com a multiculturalidade em sala de aula. Estudantes de diversas etnias se reúnem no mesmo espaço escolar, onde são ministrados conteúdos que não levam em conta as diferenças individuais. Trazendo a discussão para as escolas brasileiras, a imagem de alunos que agridem ou questionam a autoridade do professor não é uma realidade diferente, tampouco os conflitos gerados pela falta de sintonia entre conteúdos ministrados e o interesse dos estudantes.

Pode-se inferir que no filme as questões em evidência extrapolam o âmbito da escola, tomando por base o seu título original “Entre les Murs”. A menção à escola no título é uma inclusão da distribuidora do filme no Brasil. Contudo, aqui a intenção limita-se a analisar, nesse filme, apenas um de seus aspectos para relacioná-lo com o fracasso escolar, pensado como decorrência da experiência, colocando o estudante não na perspectiva de vítima das condições sociais, mas como sujeito integral, pleno de desejo, de habilidades e potencialidades.

## 2 COMO SE TECEM AS RELAÇÕES COM OS SABERES

Souleymane é o desencadeador de um dos principais conflitos presentes no filme. É um menino rebelde, que não se adapta às normas da escola; aquele que se senta no “fundão” da sala, balançando-se o tempo todo na carteira, faz gracinhas, provoca a dispersão, enfrenta o professor. É a figura que quase todos que já entraram em sala de aula gostariam de ver banida para sempre, porque é o ser que incomoda, o que torna o trabalho do professor um desafio ingrato, o que não corresponde às expectativas de paz e

harmonia. Ou, talvez, ao desejo de homogeneidade na sala de aula. É um personagem que faz parte de nossa trajetória docente. Pode ser deslocado num passe de mágica do contexto cinematográfico e situado em nossa própria sala de aula, exatamente como se apresenta. Sua figura é tão familiar que parece não fazer parte de um contexto ficcional, ou que seja real, na França, mas sim das escolas que conhecemos, que todos os dias temos que adentrar de espírito renovado para enfrentar imprevistos e desafios.

Na perspectiva do fracasso escolar como origem social ou deficiências socioculturais, Souleymane seria o estudante que, como tantos outros, estaria condenado: seu “prontuário” revela isto. Ele traz impresso na linguagem, no modo de se vestir, de se comportar, o grupo social ao qual pertence, e não é preciso um olhar mais atento para perceber que ele vive às margens das oportunidades da vida, que a sua existência é nômade, incerta, desenraizada, como a de tantos meninos brasileiros que perambulam com suas famílias em busca de melhor “lugar ao sol”.

Para esse grupo que Souleymane representa, é preciso desviar o curso teimoso desse rio que verte para o mesmo destino, que prevê o final e, portanto, descredita na força da experiência antes mesmo de iniciá-la. É por esta razão que estas reflexões caminham em outro sentido, aquele que é empregado por Bernard Charlot:

Existem, é claro, alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é dispensado, que não adquirem os saberes que supostamente deveriam adquirir, que não constroem certas competências, que não são orientados para a habilitação que desejariam, alunos que naufragam e reagem com condutas de retração, desordem, agressão. [mas] o “fracasso escolar” não existe; o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. (CHARLOT, 2000, p. 16)

Na perspectiva desse autor são muitos os fenômenos que compõem o que se convencionou

chamar de fracasso escolar, não sendo possível pensá-lo simplesmente como tendo origem na procedência social ou em termos de diferenças de aproveitamento baseadas em notas ou estatísticas. É preciso ir mais fundo para captar as causas e a persistência desse fracasso na relação do sujeito com o saber. Sujeito, sob o ponto de vista do mesmo autor, sendo “Um ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem sua história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade (CHARLOT, 2000, p. 33).

Para Souleymane, o conhecimento ministrado na escola não repercute em sua rede de relações com o saber, como sujeito singular que é, e essa falta de conexão coloca em jogo o valor do que deve aprender. É possível perceber em “Entre os muros da escola” o esforço do professor em adequar o currículo ao interesse dos estudantes, na tentativa de fazer com que incorporem o idioma francês, esforço que na maioria das vezes parece desgastante e inútil. Enquanto alguns dormem na sala, outros se colocam atentos para contradizer, afrontar, deslocando os temas ‘sérios’ da aula para futilidades ou para outros interesses, que não coincidem com os interesses do professor. Nesse contexto, Souleymane evidencia em seu comportamento uma atitude constante de descaso: masca chicletes, balança-se, colocando-se num universo paralelo ao da sala de aula. Em algum momento ele toca na questão da sexualidade do professor, tentando desnudar a sua subjetividade, enquanto resiste em revelar a sua própria subjetividade.

De acordo com Irene Tourinho (2009), as escolhas sobre o que se pode ou deve ensinar estão implicadas em relações entre currículo e poder. Para ela, estas “escolhas forçadas” têm implicações para alunos e professores, gerando desencanto em ambas as partes, o que enfim pode levar ao abandono da escola. Nessa direção, a autora cita a pesquisa do Instituto

Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP/MEC), realizada com 1,7 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 17 anos, que não frequentaram a escola em 2005. Coloca que nessa pesquisa a desmotivação aparece como uma das causas principais que levam os jovens à evasão escolar, sendo esta razão identificada em 40,4% dos casos entre os estudantes que se encontram fora de sala de aula. A pesquisa, além de alertar para a importância da motivação como elemento imprescindível da aprendizagem, busca, a partir dos relatos dos estudantes, alternativas para compreender e reduzir problemas como evasão, repetência e abandono escolar. Irene Tourinho (2009) aponta que a literatura sobre ensino não tem contemplado o ponto de vista dos alunos sobre o que desejam aprender, sobretudo neste contexto das sociedades atuais, em que o ritmo de transformações gera mudanças nas peculiaridades do público estudantil, influenciando em seus focos de interesse.

Na tentativa de aproximação com o universo dos estudantes, o professor, no filme, propõe para a turma a construção de seu retrato autobiográfico, esperando, segundo coloca, conhecer melhor cada um deles. Nesse retrato, os estudantes devem colocar o que fazem além dos muros da escola, suas atividades, o que gostam ou não gostam, juntando a isso fotografias suas, dos amigos, da família. É então que Souleymane se destaca no grupo de forma positiva. As fotos feitas por ele são de excelente qualidade, avalia o professor. Tanto que as coloca no mural e convida a turma para apreciá-las. Ele, Souleymane, não esperava esse reconhecimento, até resiste em ter seu trabalho exposto. Não parece acreditar que o professor fale seriamente, quase que se sente vítima de um engodo. Mas, enquanto observa seus colegas olharem o seu trabalho, seu rosto se ilumina num misto de timidez e orgulho, diante do sucesso pessoal.

### 3 FRACASSO: ESCOLHA OU FATALIDADE?

Aqui se poderia refletir sobre o potencial desse acontecimento para desviar o curso de um destino ‘inexorável’, o fracasso escolar de Souleymane. Está implícito, nessa pequena mas significativa experiência cotidiana ocorrida dentro dos muros da escola, a valorização de um sujeito que estabelece relações diversas com o saber. Existe aqui uma margem de ação para os sujeitos do ensino e da aprendizagem, uma história subjetiva a ser considerada, resgatada, para transgredir a realidade. Souleymane demonstra que é capaz, tem em si o potencial de um grande fotógrafo, repórter, publicitário... É um sujeito. E sendo um sujeito, a ele pertence o direito de fazer escolhas, driblar a força das contingências, superar-se. Se é certo que não possui as condições mais favoráveis para ter sucesso, também é certo que não é um deficiente sociocultural na medida em que esse conceito se refere não a uma relação cultural entre sujeito/escola, mas no sentido de uma “falta” atribuível ao próprio aluno. Bernard Charlot faria o que chama de “leitura positiva” da realidade: “recusar-se a pensar o dominado como um objeto passivo, “reproduzido” pelo dominante e completamente manipulado, até, inclusive, em suas disposições psíquicas mais íntimas (CHARLOT, 2000, p. 31).

Assim não é possível pensar Souleymane como um indivíduo sem vez e sem voz. Em sua condição de sujeito ele sabe o que quer e também o que não quer. Ele tem desejos, nem sempre explícitos, mas tem desejos. Aptidões. História. Identificações. Tem a íntima vontade de derrubar aquele que considera o opressor, o colonizador. Isso fica evidente no seu comportamento insolente, especialmente quando questiona a sexualidade do professor, procurando encontrar ali uma fraqueza que o desmoralize perante os estudantes, ou quando representa o advogado de defesa de suas colegas de

classe em atitude corporativista: sua defesa não parece legítima, é antes um modo de desforrar, ou de afirmar a sua posição perante o “colonizador”.

Em mais de um momento o universo escolar parece girar em torno de Souleymane. É motivo de reflexões entre o coletivo de professores, abala a ideologia da escola, com a sua forma de avaliar, com o seu sistema de prêmios e punições, gerando insegurança e incerteza. O clímax é a convocação de um conselho disciplinar para decidir o seu destino, mas ninguém ali está seguro de estar tomando a medida correta, o fato é que é necessário agir, as circunstâncias exigem uma atitude mais grave por parte da escola. Ocorre que existem relações de poder e de manutenção da ordem aparente que não podem ser colocadas em risco, as posições devem ser preservadas. O professor, François, é questionado nos corredores pelos estudantes, afinal, por que as normas só se aplicam aos estudantes, e não aos professores? Por que ao professor é permitido se dirigir aos alunos de forma pejorativa, e os alunos nunca podem manifestar suas inquietações? Afinal a escola existe para os professores ou para os estudantes? Qual é a razão de ser da escola?

Ao perceber a dimensão do conflito gerado em sua sala de aula, François faz o papel de advogado de defesa: ele, que é o maior envolvido no ato que gerou o infeliz desfecho, é justamente o que mais “conhece” Souleymane. Teve a oportunidade de perceber o seu potencial, compreende o ocorrido não como uma fatalidade, mas como uma experiência infeliz dentro da escola. Para ele a expulsão do garoto representa o fracasso da escola, a perda de todo um processo que vinha sendo construído: “E tudo o que fizemos até agora? Ficar perdido?”. É o seu argumento para evitar a expulsão do garoto. Como forma de decisão que se reveste de democracia, a votação acaba por silenciar vozes que num dado contexto seriam as mais capazes de fazer a diferença. Assim, por meio de votação, a expulsão acontece.

Poder-se-ia relacionar essa atitude com o “sonho da pureza” aventado por Zygmunt Bauman (1998), em que é imprescindível “purificar” o ambiente de toda “sujeira”, o elemento estranho precisa ser removido para que venha a reinar a ordem? Se não é possível criar um ambiente onde o diferente possa ser ouvido, integrado à rotina das “pessoas do lugar”, não resta outra saída senão livrar-se de uma vez por todas do incômodo.

### APONTAMENTOS FINAIS

Esta breve análise leva a concluir que o desfecho do filme, que é uma representação da realidade, poderia ser diferente, que existe uma margem de ação para os sujeitos que fazem parte do enredo, sejam estudantes, sejam professores, sendo estes os que verdadeiramente constroem a subjetividade da escola. “Por mais que o sujeito seja um sujeito dominado” incluindo alunos e professores, “ainda assim é um sujeito” (CHARLOT, 2000, p. 31). Nesta trama se desenvolve um jogo tenso em que estão implicadas relações de poder, de desejo, de temores e instabilidade que são o próprio espelho do contexto social onde se inserem; a escola não é um núcleo isolado com vida própria; a sua dinâmica interna é uma extensão do que está além de seus muros, mas é necessário refletir sobre até que ponto os destinos dos estudantes estão implicados em sua origem social e em que dimensão a escola pode ser considerada como reprodutora das diferenças sociais e culturais; quais são as possíveis atitudes para superar uma realidade que é opressora, que exige das pessoas reações constantes de autodefesa para se manterem, na medida do possível, em suas posições, que no contexto pós-moderno jamais serão estáveis.

Nessa trama, o coletivo de professores, mesmo considerando as suas limitações, teria autonomia para tomar uma decisão que não fosse a expulsão do estudante, pensar estratégias para melhorar o

desempenho do aluno a partir de seu próprio potencial, evitando o fracasso? Seria possível à escola adotar outras normas de funcionamento, integrar outros valores e atitudes diante de um contexto que exige flexibilidade para atender ao público que recebe, ou seja, sujeitos advindos de realidades culturais diversas, cujas vozes devem ser atentamente ouvidas e interpretadas?

### Abstract

The present work aims to analyze from the perspective of school failure, the film “Entre Les Murs” (Behind the Walls of the School) produced in France, 2008 by Laurent Cantet. The reflections go on the view that social origin, by itself, does not produce the “school failure. There are situations which are fed by the relationships among individuals who act and react within the school, those who create and those who must follow the rules, forging a relationship with the knowledge that may result in failure of both, students and teachers, not to mention the school, as an institution.

Endorsing the thinking of contemporary authors, as Bernard Charlot, Zigmund Bauman and Tomaz Tadeu da Silva, seeks to bring out the power relations that are involved in the school setting and to forge their decisions and actions in this scenario. The conclusions from this line of thought points to reflections about the role of schools and subjects that make the school.

**Keywords:** Academic failure. Relationship with knowledge. Postmodern context.

### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BOURDIEU, P. *Escritos da Educação*. NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CANTET, L. *Entre les Murs*. [Filme]. Produção de Caroline Benjo, Carole Scotta, Barbara Letellier e Simon Arnal. Direção de Laurent Cantet. França, 2008. DVD, 120 min. Cor. Som.

CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Tradução de Bruno Magne. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, T. T. *Currículo e identidade social: territórios contestados*. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOURINHO, I. *Currículo de arte: velho e novo, gosto e surpresa, desejo e sonho... O que queremos aprender nas aulas de arte?* In: ASSIS, H. L. e RODRIGUES, E.B.T. (Org.). *O ensino das artes visuais: desafios e possibilidades contemporâneas*. Goiânia: GRAFSET, 2009.

Enviado em 05 de abril de 2011

Aprovado em 02 de dezembro de 2011